

“NASCEU-TE UM FILHO”

Ana Paula Tavares*

A tudo este poema convoca desde a criação do mundo e suas origens de fogo à criação do próprio fogo o inicial o que se conserva no altar próprio da casa e do universo. Ao momento vago em que o horizonte já longínquo se adianta um pouco mais até não ser visível mesmo que a terra continue redonda e de ventre mergulhado nos seus dias e nas suas noites. É a eterna história do raio que nos rasga em dois sem escolher hora ou minuto como as árvores de folhas caducas a encher-se de verde pelas veias.

O mistério da criação faz-se com as palavras encantatórias da origem.

É quando o seu lugar mudo fica para sempre marcado: impressões no barro dos passos ancestrais a emergir da garganta de Oldway para atravessar o pântano e aprender a colocar os sons por ordem até à palavra. Pode ser a primeira um gesto de levar as mãos aos lábios e um grito que se escapa ser o tempo e as suas transcendências afastar as margens dos mares vermelhos e dos rios e deixar que nas palhas, no chão rasgado, em lençóis bordados uma outra essência de nós se deposite. Este filho é meu e sou eu que me divido e ganho da morte a transparência sábia e aprendiz da palavra e domador de verbos.

Também eu veleei o sábio no tempo da passagem e aprendi da morte o gosto amargo de lhe sobreviver sozinho, conheci a essência das escritas primeiras para gravar no papel sonhos desconhecidos, visões dos oásis perdidos, escarificações e marcas dos outros tempos da história.

Não mais estarei sozinho e o sentido do divino ganhou uma totalidade que se partilha e compromete com a fragilidade da existência e institui-se fronteira entre o bem e o mal. Nas cerimónias da morte entre o sábio e o discípulo aprendi a ciência da cura e o meu corpo curva-se perante ti e vela o teu sono na oração primeira memória coada do mundo a descobrir.

Nasceu-te um filho e a palavra criador nasce na tua boca como a origem e redescobres as mãos nos gestos e protecção que nem sabias que tinhas e a tua vida de fragmentos olha agora para si com olhos duplos: nem eco, nem língua, puro canto.

Fizeste-te criador/criatura e se os livros falam de partida, exílio e deserto é constante água, a presença da mão que segura a tua como viajam as palavras e ficam os lugares à espera dos regressos e não será o medo e os seres que o habitam que impedirão a volta famintos que seremos sempre de eternidade e promessa e da vida que se repete de mim para ti na imensidão das palavras encontradas para atravessar todas as zonas de sombra e o poema que soará para além do ar que se respira.

Nasceu-te um filho e o futuro transforma-se em presente e o sonho e o corpo, a prometida máscara da morte ficará para sempre estranha a este canto que nasceu de ti e se prolonga numa imortalidade prometida para sempre.

* Dedicando-se sobretudo à poesia, publicou também romance e crónica. Doutorada em Antropologia da História pela Universidade Nova de Lisboa, é professora da Universidade de Lisboa, onde também atua no CLEPUL-Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias. Como investigadora da História e Literatura de Angola, mantém forte colaboração com instituições deste país onde nasceu, dentre as quais a Universidade Agostinho Neto, de Luanda.